

# PARTICIPEMOS TODOS NO ESFORÇO DE DEFESA

— exorta Presidente Samora Machel à população de Angónia

• Visita ontem à Barragem de Cahora Bassa

Border details

por Mário Ferro, nosso enviado especial

O Presidente Samora Machel disse terça-feira em Ulóngwè que a população de Angónia, como parte integrante do povo moçambicano, tem de participar nos esforços da defesa da Pátria, da integridade territorial e da independência. Falando num encontro popular na sede do distrito de Angónia, Samora Machel repetiu as acusações sobre o engajamento do Malawi nos planos de desestabilização do nosso País. Entretanto, ontem, o Chefe do Estado visitou a Barragem de Cahora Bassa.

Durante cerca de quatro horas, o Presidente Samora Machel percorreu ontem o complexo da Barragem de Cahora Bassa, apreciando uma descarga de água através de duas comportas. A seguir, viu o local onde poderá ser construída a Central Norte, que aumentará a capacidade de produção de energia eléctrica da Barragem de Cahora Bassa.

Samora Machel esteve na Central Subterránea e viu as cinco turbinas instaladas, uma das quais em funcionamento, bem como as instalações do comando de operações. Mais tarde, esteve na estação conversora.

Nesta visita, o Chefe do Estado foi acompanhado pelo Dr. Hermenegildo Gamito e Vicente Veloso, administradores da HCB pela parte moçambicana e pelos engenheiros Castro Fontes e Marcelo Santos, administradores pela parte portuguesa (a Hidroeléctrica de Cahora Bassa é uma empresa de capitais moçambicanos e portugueses).

Durante a visita, Samora Machel recebeu explicações sobre o funcionamento do complexo da parte dos administradores e de vários técnicos que ali trabalham. Várias considerações foram tecidas à volta do empreendimento, nomeadamente o facto de neste momento o fornecimento de energia à África do Sul estar interrompido, devido ao derrube de torres de transporte de linhas de energia por especialistas sul-africanos em sabotagem, logo após a derrota sofrida pelos bandidos armados na Gorongosa.

A Barragem de Cahora Bassa foi construída no tempo colonial, com o objectivo fundamental de fornecer energia à África do Sul, para além de outros aspectos estratégicos relacionados com a tentativa de defender os regimes minoritários racistas da África Austral, face ao avanço da luta de libertação nacional conduzida pela Frente de Libertação de Moçambique.

Cahora Bassa deveria suprir, conforme fora concebido, oito por cento das necessidades de energia eléctrica da África do Sul.

Na construção da barragem não foram tidas em conta as necessidades de Moçambique e de outros países da região.

Outros aspectos abordados nas considerações prendem-se com a importância de Cahora Bassa nos projectos de desenvolvimento económico e social do nosso País, nomeadamente nos sectores da Agricultura, Indústria e Minerais. Aqui, falou-se da questão-chave da electrificação do País, por forma a que a energia de Cahora Bassa seja consumida em todos os pontos de Moçambique, o que constituiria uma poupança dos recursos energéticos, nomeadamente os combustíveis líquidos, que têm que ser importados.

Ontem à tarde, o Chefe do Estado esteve reunido com o Conselho de Administração da Hidroeléctrica de Cahora Bassa e dirigiu depois uma reunião com todos os trabalhadores da empresa.

A noite, o Presidente Samora Machel foi obsequiado com um jantar oferecido pelo Conselho de Administração da HCB.

Entretanto, na reunião popular que orientou terça-feira em Ulóngwè, o Chefe do Estado afirmou que o Malawi continua engajado nos planos de desestabilização do nosso País. Querem dar a impressão ao mundo de que em Moçambique há guerra civil ou guerra tribal, que é para chamar a atenção estrangeira para ocuparem de novo Moçambique, através da Revolução moçambicana.

O Presidente Samora interrogou: O que quer o Governo do Malawi? A população presente respondeu: Estão a pedir guerra com o povo moçambicano. Mas Samora Machel explicou que o povo do Malawi não quer a guerra com o povo moçambicano. O Malawi é um povo irmão mas, segundo o Chefe do Estado, há ministros, há polícias, há militares malawianos que foram subornados pela África do Sul e por outros países, para fazerem a guerra contra Moçambique, apoiando os bandidos armados.

— O Malawi pensa que a Angónia

é o Malawi? Vocês são malawianos?, perguntou o Presidente, ao que a população respondeu com categóricos NÃO.

A propósito do engajamento do Malawi na desestabilização do nosso País, o Administrador do Distrito de Angónia, Alberto Zacarias, afirmou publicamente que as autoridades malawianas fomentam o roubo de gado no nosso País, que é depois vendido no Malawi.

Por outro lado, as autoridades malawianas promoveram reuniões com agricultores privados moçambicanos, sem o conhecimento das nossas autoridades. Nesses encontros, o Malawi convenceu aqueles agricultores a fugirem do nosso território ou a ficarem com a condição de, de dia, trabalharem nas suas machambas e, à noite, apoiarem os bandidos armados.

O Administrador disse que os bandidos armados feridos pelas nossas Forças são tratados nos hospitais ma-

lawianos de Siengue, Dedza e Ncheu. Nesses locais, as autoridades sanitárias malawianas recusam-se a tratar doentes que venham de Moçambique, ao contrário do que acontecia outrora.

Samora Machel recordou a cimeira havida em Blantyre e falou de aspectos relacionados com o encontro. Fomos dizer ao Governo do Malawi para parar com o apoio aos bandidos armados, porque assim o Malawi estava sendo inimigo de Moçambique, afirmou o Presidente.

O Chefe do Estado anunciou ali o reforço das medidas de defesa e segurança e apresentou os peritos militares soviéticos e cubanos que o acompanham para estudar um projecto que inclui a instalação de mísseis ao longo da fronteira comum com o Malawi.

Samora Machel chegou às 11 horas de terça-feira última a Ulóngwè, depois de ter sobrevoado o Complexo Agro-Industrial de Angónia (CAIA). Visitou depois a plantação de batata para semente.

Milhares de pessoas receberam entusiasticamente o Chefe do Estado. Era a primeira visita que o Presidente Samora Machel efectuava a Angónia.